

INTERCONECTIVIDADE: PROFESSORES DO NORTE E DO SUL DO BRASIL COMPREENDENDO SABERES PEDAGÓGICOS

*INTERCONNECTIVITY: TEACHERS OF
NORTHERN AND SOUTHERN BRAZIL
UNDERSTANDING PEDAGOGICAL KNOWLEDGE*

**Leda Lísia F. Portal
Rita Tatiana Cardoso Erbs
Martha Luci Sozo**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente estudo propiciou entendermos como saberes - o conjunto de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades - expressam-se nos mais diversos locais, como mercados, feiras, santuários, praças, escolas e demais espaços onde se forjam as mentalidades. Tais saberes englobam os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, da ludicidade, das diversas formas de expressão artística: literária, musical, cênica, visual e de outras práticas da vida social. Por uma atitude científica, somos levados a compreender as várias dimensões das respostas dos professores do projeto de pesquisa, realizado em três municípios da região do Salgado paraense e articulamos o artigo em tópicos para que cada um dos saberes fosse aprofundado teoricamente e entrelaçado com as falas coletadas, assim chegamos aos subtítulos: Saberes ambientais – sustentabilidade no nosso planeta; O lúdico na vida e na escola; O saber poético – sensibilidade e autoconhecimento; Religiosidade, religião e

espiritualidade. Com aproximações e distanciamentos, fomos nos reconhecendo nas falas dos professores da Amazônia paraense, evidenciando a inseparabilidade de dois contextos, aparentemente tão distantes e diversos. Professores do norte do país foram ouvidos por professores do sul, realidades diversas e semelhantes ao mesmo tempo. Semelhança em ser professor, semelhança na busca pelo conhecimento, semelhança no acolhimento às diferenças, semelhança no amor pelo ser humano. Semelhanças e diferenças nos uniram em um mesmo projeto de pesquisa, em um mesmo projeto de profissão e em um mesmo projeto de vida. Desta forma, nas considerações finais, percebemos que estávamos compreendendo sobre a interconectividade entre professores do sul e professores do norte e contribuindo para a construção de saberes em diferentes processos educativos.

Palavras-Chave: Interconectividade – Saberes pedagógicos – Formação de Professores.

Abstract

This study led us to understand how knowledge - the set of knowledge and ways of doing rooted in everyday communities – are expressed in various places, such as markets, fairs, sanctuaries, playgrounds, schools and other places where attitudes are forged. Such knowledge encompass rituals and dances which mark the collective experience of work, religiosity, playfulness and other various forms of artistic expression: literary, musical, scenic, visual and other practices of social life. For a scientific attitude, we are driven to understand the various dimensions of teachers' responses to such research project, performed in three municipalities in the region of Salgado Paraense, then we articulated this article on topics for each knowledge were examined theoretically and interlaced with the collected speeches, so we came to the subtitles: Environmental Knowledge - sustainability on our planet; The Playful in Life and in School; Poetic Knowledge - sensitivity and self-awareness; Religion, Religion and

Spirituality. Considering similarities and differences, we began to recognize ourselves in the speeches of the teachers of Amazon *Paraense*, demonstrating the inseparability of these two contexts, seemingly so distant and so diverse. Teachers from the North were heard by teachers from the South, realities which are different and similar at the same time. Similarities in being a teacher, similarities in pursuit of knowledge, similarities to host differences, similarities in love for the human being. Similarities and differences brought us together in a same research project, in a same professional project and in the same project of life. Thus, in concluding remarks, we realized we were comprehending about the interconnectivity between Southern and Northern teachers and contributing to the construction of knowledge in different educational processes.

Key-words: Interconnectivity - Pedagogical Knowledge - Teacher Training.

A interconectividade e a produção de saberes que apresentamos neste artigo são fundamentadas nos resultados da pesquisa do Projeto “Diálogos de Saberes: Processos Educativos e Práticas Docentes na Amazônia Paraense”, aprovado pelo Edital PROCAD/NF21/2009, firmando parceria entre a Universidade do Estado do Pará (UEPA) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O projeto matriz volta-se para a investigação dos diferentes processos educativos vivenciados no cotidiano de sujeitos professores da Amazônia paraense e das formas como tais processos são, ou não, incorporados no cotidiano das escolas.

O projeto caracteriza a Amazônia Paraense como uma região marcada por uma acentuada diversidade de grupos humanos, contextos históricos complexos, ambientais, situações sociolinguísticas, práticas cuidativas, poéticas e imaginárias que engendram, por conseguinte, diferentes processos educativos. Trata-se de um ambiente plurifacetado que configura não uma, mas várias geografias, com seu contexto biodiverso formado, entre outros, por terra, mata, igarapés, baías e rios, demarcado tanto pela ocupação e exploração (nem sempre ordenada) quanto pelo enraizamento cultural dos grupos.

A diversidade salientada no projeto pode ser evidenciada nas falas dos professores. Diversidade que auxilia nos planejamentos de passeios, observações, integração da comunidade escolar com a comunidade local. Um ponto recorrente na fala dos professores é o respeito aos saberes diversos e aos saberes populares. Para os professores entrevistados, trazer os saberes populares para a escola e integrá-los aos saberes docentes é uma prática que aproxima diferentes culturas, como também promove o conhecimento individual e coletivo.

Em relação à cultura do nosso município, que é muito rica por sinal, eles têm um conhecimento muito grande, pois vivem essa cultura muito mais do que a gente. Fazemos programações para trazer dentro da escola essa cultura e com isso nós conseguimos não só trazer as crianças, como a comunidade para dentro de nossa escola. Este ano procuramos montar um plano de ação voltado para a questão da cultura, envolvendo os grupos de professores e comunidade, para repassar esse conhecimento, não só para nós,

como também para expandir as turmas (DEPOIMENTO DE PROFESSOR).

A diversidade cultural apontada no projeto, também, segundo as falas dos professores, pode ser um complicador na sala de aula quando o professor não se encontra preparado para acolher, compreender e transformar a experiência dos alunos e da comunidade em, como denomina Tardif (2012), saber pedagógico.

Teve uma coisa que eu tive dificuldade de trabalhar religiosidade com eles, porque desde pequena sou católica, fui criada vendo as movimentações da igreja, as festas da igreja católica, e quando eu cheguei lá para propor a eles estes trabalhos, e me deparei com alunos que não eram católicos e na hora eu tive que agir e pensar alguma forma de aproveitar essas diferenças para conhecer outras religiões. (DEPOIMENTO DE PROFESSOR).

Os professores entrevistados vivenciam a Amazônia paraense e a diversidade de sujeitos, que, conforme a contextualização do projeto, são homens e mulheres ribeirinhos, quilombolas, indígenas, mestiços, camponeses, assentados que, em sua maioria, vivem em situações de pobreza e exclusão social e cognitiva. Aos diferenciados ambientes em que habitam, litoral, várzeas, mangues, campos, florestas, restingas ou zonas urbanas, correspondem formas diferenciadas de interação com a natureza, de sobrevivência, costumes, crenças, imaginários, linguagens, que configuram um *corpus* de saberes de experiência, ou, como denominamos, saberes culturais construídos nas práticas sociais e nas relações intersubjetivas.

Nessa perspectiva, o projeto propicia entendermos como saberes o conjunto de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, expressando-se nos mais diversos locais: mercados, feiras, santuários, praças, escolas e demais espaços onde se forjam as mentalidades. Tais saberes englobam rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, da ludicidade, das diversas formas de expressão literária, musical, cênica, visual e de outras práticas da vida social.

A proposta não visa apenas à identificação desses saberes. Trata-se de ir além e procurar ver que efeitos esses saberes exercem na vida dos

sujeitos. Desse modo, a escola, como instituição privilegiada na sociedade, assume um papel significativo, uma vez que, em seu interior, parcela representativa de crianças e jovens constrói suas subjetividades, estrutura suas identidades, seja de modo a ter uma atuação crítica na realidade social ou de se conformar com o destino de exclusão social que marca a vida de grandes segmentos das populações da Amazônia.

Tais saberes precisam fazer parte do cotidiano da escola, como âncoras dos programas formais e das práticas educativas. Pretende-se com o estudo, de um lado, produzir uma base de conhecimentos acerca dos saberes culturais da Amazônia paraense, cuja riqueza é ainda pouco conhecida (perspectiva epistemológica) e, de outro, forjar a possibilidade de uma prática pedagógica ancorada na realidade social dos grupos locais, prática essa capaz de fortalecer suas próprias identidades culturais (perspectiva sociopolítica).

Como pesquisadores das questões trazidas pelo projeto, ressaltamos que nossa compreensão investe na possibilidade do desenvolvimento integral do ser humano, no ser humano inteiro. Gostaríamos de nos remeter à possibilidade, “ou o fato de o começo da arte, ciência e religião, entre os primitivos ainda se encontrar lado a lado no caos não diferenciado da mente mágica...” (JUNG, 2011 a, p.66)

Com esta compreensão, sabemos que a mera divisão de saberes pode nos levar a reducionismos, mas, consideramos que essas divisões favorecem o estudo e o aprofundamento de conceitos e também a apresentação para os leitores de nossas inquietações e desvelamentos. Nos depoimentos, podemos perceber que a intenção de unidade e de não diferenciação também povoa o discurso e a prática dos professores entrevistados.

Trabalhamos muito com a questão do lúdico, da arte, o ambiente, a religiosidade, porque aqui em Colares, existe esta grande variedade de religiões. Existe também a questão do ET, do extraterrestre que surgiu em uma mistura do real com o imaginário e isso acaba gerando questões poéticas, já que em cima disso os alunos fazem poesias, músicas, criam lendas, versinhos e até textos poéticos. (DEPOIMENTO DE PROFESSOR)

Compreendemos as várias dimensões das respostas dos professores e articulamos o artigo

em tópicos para que cada um dos saberes fosse aprofundado teoricamente e entrelaçado com as falas coletadas, assim chegamos aos subtítulos: Saberes ambientais – sustentabilidade no nosso planeta; O lúdico na vida e na escola; O saber poético – sensibilidade e autoconhecimento; Religiosidade, religião e espiritualidade.

Inicialmente foi estranho, com aproximações e distanciamentos fomos nos reconhecendo nas falas dos professores da Amazônia paraense, algumas falas poderiam ser nossas, evidenciando a inseparabilidade de dois contextos, aparentemente tão distantes e diversos. Professores do norte do país foram ouvidos por professores do sul do país, realidades diversas e semelhantes ao mesmo tempo. Semelhança em ser professor, semelhança na busca pelo conhecimento, semelhança no acolhimento as diferenças, semelhança no amor pelo ser humano. Semelhanças e diferenças nos uniram em um mesmo projeto de pesquisa, em um mesmo projeto de profissão e em um mesmo projeto de vida.

Desta forma, nas considerações finais, percebemos que estávamos escrevendo sobre professores do sul e professores do norte na dimensão da interconectividade e coemergência e contribuindo para a nossa compreensão sobre a construção de saberes em diferentes processos educativos.

Saberes ambientais – consciência e sustentabilidade do nosso planeta

Como escolhemos iniciar pelos saberes ambientais, necessitamos evidenciar que o nosso referencial teórico indica saberes e não um saber único. Como Tardif (2012) salienta, o saber docente é composto de vários saberes e o presente estudo aborda como os docentes entrevistados e os autores deste artigo se relacionam com esses saberes. As relações entre depoentes e pesquisadores com os saberes utilizados para as resoluções do cotidiano em sala de aula são o objeto de nossa análise.

Tardif (2012) ainda nos alerta para a desvalorização que os saberes docentes em função da própria desvalorização da profissão e do papel social de professores. Com este estudo nosso desejo maior é trazer à tona os saberes docentes e ainda aprofundar nossa compreensão sobre saberes que, muitas vezes, são desvalorizados na própria formação docente, mas que se constituem em saberes pedagógicos no cotidiano da escola.

Nesse escrito, falamos sobre um povo ribeirinho, seus professores e alunos, suas escolas, templos da educação. Esse é um contexto, assim como em outros lugares no Brasil, em que “o povo consegue preservar uma tessitura de símbolos, mitos e rituais, que, ainda que fragilizada e fragmentária, expressa uma relação com a vida que se dá para além dos marcos da racionalidade instrumental e da dicotomia sujeito-objeto”. (UNGER, 2001, p.66)

No contexto amazônico em que vivem e ensinam, esses professores, ouvidos na pesquisa, relatam que trabalham saberes culturais, religiosos, lúdicos, poéticos, em sala de aula. Essa é uma região com culturas ricas e múltiplas, com influências da religiosidade indígena, africana, católica e seus sincretismos. Uma das professoras relata que traz para a aula discussões acerca dos “*saberes de algumas pessoas em relação à cura*”. Na entrevista, não é especificado que saberes ou que pessoas, porém, instigam nossa imaginação e nos fazem pensar nos velhos curandeiros amazônicos, e seus conhecimentos naturais, seus conhecimentos de chás, de folhas, ervas e flores medicinais. Conhecimentos ao alcance somente de um ser que está próximo e conectado ao poder curativo da Natureza, alinhado à harmonia da pulsação do Coração de Gaia, Mamãe Terra.

Vamos mais longe ao questionarmos, dentro do contexto da crise multidimensional em que vivemos, e com todos esses termos e ideias (antigas) novas, como Ecologia Profunda, Sustentabilidade, retorno a uma vida harmônica com a biosfera, e todos os seres maravilhosos que embelezam e participam do mistério de nossa existência neste planeta, se, além de discussões, não é mais emergencial, o resgate de conhecimentos populares que ao longo da história tiveram uma ação positiva na relação homem-natureza para a cura e reestabelecimento de ambos?

Resgatar histórias, depoimentos, abrir as portas da escola para as propriedades e utilizações dos potenciais naturais, que nos trazem conforto, alívio, curas, e que promovem o cuidado entre humanos com auxílio da Natureza, bem como podem propiciar, estimular o reencanto humano, o abrir-se e entregar-se ao fluxo do rio de nossas vidas “individuais” no sentido do Mar da Vida Universal.

Esse processo está ligado à expansão da Consciência sobre Si mesmo. O *Continuum* da Cons-

ciência do Ser, assim como um Espectro Eletromagnético, com gradações do infravermelho ao ultravioleta, que, para a Psicologia Perennis, denominada por Wilber (2006), correspondem a diferentes níveis de Consciência. Esse modelo nos diz que a consciência é um único *continuum*, e que a percepção que temos do que seria um “Eu” pode ser ampliada, abarcando níveis grupais, comunitários, biossociais, ecológicos, planetário, Cósmico...

Na ciência, o primeiro critério o novo paradigma é a mudança das partes para o todo. No velho paradigma, acreditava-se que, em qualquer sistema complexo, a dinâmica do todo poderia ser entendida a partir das propriedades das partes. No novo paradigma, a relação entre as partes e o todo é invertida. As propriedades das partes podem ser entendidas somente a partir da dinâmica do todo. Em última análise, não há partes, em absoluto. Aquilo que chamamos de parte não passa de um padrão numa teia inseparável de relações (WILBER, 1991, p.83).

Entendemos esse movimento como um movimento em múltiplos níveis da consciência do ser. Nesse caminho, Gadotti (2000, contracapa) nos faz pensar quando explicita que: “a cidadania planetária vem de dentro, do coração e da mente, da ligação profunda com a Mãe-Terra”. Traz também o termo ecopedagogia para retratar a importância da educação como ciência que objetiva promover a aprendizagem. Essa aprendizagem vista como oportunidade de compreender, conceituar e partilhar dando sentido e significado às diferentes maneiras de expressão alinhada com o perceptível e a intuição. Para tanto, traz um conceito de desenvolvimento sustentável quando diz:

o conceito de desenvolvimento humano é muito amplo e, por vezes, ainda vago. As Nações Unidas, nos últimos anos, passaram a usar a expressão ‘desenvolvimento humano’ como o indicador de qualidade de vida fundado nos índices de saúde, longevidade, maturidade psicológica, educação, ambiente limpo, espírito comunitário e lazer criativo, que são também os traços de uma ‘sociedade sustentável’, isto é, uma sociedade capaz de satisfazer as necessidades das gerações de hoje, sem comprometer a capa-

cidade e as oportunidades das gerações futuras (GADOTTI, 2000, p. 58).

Desse modo, nossa consciência é a mesma consciência dos minerais, plantas, animais, dos planetas. Assim podemos perceber que o momento de crise ecológica que vivemos é um chamado que fizemos a nós mesmos em diferentes níveis, do nível cósmico, planetário, até a consciência autorreflexiva humana, afim de que possamos estabilizar nossas frequências em busca de um equilíbrio unitário-sistêmico mais complexo. Todo equilíbrio cósmico é interdependente, portanto, nossa visão de interdependência precisa ser vivida, sentida e aplicada para o sucesso de nossa civilização ante essa crise.

Além dessas implicações espirituais, planetário-cósmicas, percebemos importantes influências socioculturais, políticas e históricas, o nível de consciência que Wilber (2006) denomina faixa biossocial, no fato de que o ensinar a respeito dos curandeiros locais e suas técnicas, como é expresso em um dos depoimentos, é um modo de “desconstruir a visão etnocêntrica de mundo, alimentando a existência de muitos conhecimentos que são transmitidos através da tradição, da oralidade”. Essa crise que vivemos, não é simplesmente econômica, ecológica, política, social, e sim, é uma crise que:

repõe certas questões que fundam e fundamentam o percurso de uma época, por isso, encontramos-nos diante de um desafio: o de saber decidir e discernir, o de saber realizar uma superação criadora deste momento que nos permita alcançar um novo patamar de pensamento, uma outra maneira de experienciar o mundo e a nós mesmos. No caminho dessa superação, temos de nos defrontar com uma questão essencial: O que significa para nós ser um ser humano? (UNGER, 2001 p.19)

O lúdico na vida e na escola

De acordo com a compreensão do entendimento de saberes, podemos refletir sobre a importância dessa temática no âmbito da sala de aula. Afinal, os diferentes saberes são desenvolvidos desde a infância até a própria morte, seja no espaço escolar ou em outros espaços pelos quais o indivíduo irá transitar no decorrer de sua vida. A visão baseada no senso comum considera

o brincar como uma atividade meramente recreativa sem relacioná-la com fins pedagógicos, pois a sociedade ainda se remete a ideia de que criança é mandada para a escola para aprender e não para brincar. Dessa forma, cabe aos professores defender a importância do lúdico para que, aos poucos, as críticas relacionadas ao simples ato de brincar possam ser redimensionadas por um olhar que contemple um desenvolvimento integral da criança.

Os profissionais precisam ser capazes de justificar, por meio de sua prática, por que o brincar é a melhor maneira de uma criança aprender, e depois – o que é igualmente importante –, precisam ser capazes de articular isso para os outros – pais, governantes e colegas (HEASLIP, 2006, p. 123)

Decididamente, sabemos que a tarefa de conscientizar a sociedade sobre a relevância da ludicidade no desenvolvimento integral de cada indivíduo não é tão simples como gostaríamos que fosse, realmente, na prática. No entanto, quanto mais formação adequada e domínio do embasamento teórico específico da sua área o professor possuir, conseqüentemente, melhores serão os argumentos e a eficácia de sua prática docente aliada ao prazeroso ato de brincar.

Nas respostas dos professores entrevistados na Amazônia paraense, percebemos uma preocupação com o lúdico, relacionando esse saber às mais variadas situações pedagógicas. A fala de um dos professores elucidada essa preocupação com uso da ludicidade no contexto da sala de aula:

Trabalho com argila que é também voltado para a cultura folclórica como o caso dos bois, fazer com que as crianças aprendam a construir bois cabeçudos, pierrôs, onde o lúdico e poético estão juntos (DEPOIMENTO DE PROFESSOR).

O Saber Poético – sensibilidade e autoconhecimento

Nosso objetivo como educadores é a compreensão do saber poético como intrínseco ao ser humano e como impulsionador do seu desenvolvimento. Para elucidarmos as questões psicológicas da arte e em especial da poesia, recorreremos aos escritos de Jung, em “O espírito na arte e na ciência”. Nessa obra, Jung ressalta que a arte e

a religião só podem ser objetos de análise psicológica no processo de criação, as considerações para a compreensão dos fenômenos só são aplicadas aos processos simbólicos e emocionais sem tocar na essência da arte, ou da religião. Como educadores precisamos ter em mente que

seja o que for que a psicologia possa fazer com a arte, terá que limitar ao processo psíquico de criação artística e nunca atingir a essência profunda da arte em si. É o mesmo caso do intelecto que não consegue explicar nem muito menos entender a essência do sentimento. (JUNG, 2011a, p.66)

Para Jung (2011a), seria supérfluo para o educador investigar os condicionamentos prévios a que todas as pessoas estão sujeitas em sua vida, o fundamental é o questionamento do sentido da obra.

O condicionamento prévio só interessa na medida em que facilitar a melhor compreensão do sentido. A causalidade pessoal tem tanto ou tão pouco a ver com a obra de arte, quanto o solo tem a ver com a planta que dele brota (JUNG, 2011a, p 72).

Para Jung, a insistência no pessoal é totalmente inadequada, uma vez que o autor considera a obra de arte suprapessoal. Com isso, podemos compreender como uma obra de arte, seja uma pintura ou uma poesia, pode tocar, afetar, mobilizar e fazer brotar sentimentos em pessoas com vivências tão diferenciadas, seja em função dos distanciamentos temporais, geográficos ou culturais.

A verdadeira obra de arte tem inclusive um sentido especial no fato de poder se libertar das estreitezas e dificuldades insuperáveis de tudo o que seja pessoal, elevando-se para além do efêmero do apenas pessoal. (JUNG, 2011a, p. 72)

Outro aspecto importante para ressaltarmos é como a obra surge, Jung (2011 a, p.72) coloca que “uma obra de arte, porém não é apenas um produto ou derivado, mas uma reorganização criativa”, comparando a obra a uma planta que não é “um simples produto do solo, mas um processo em si, vivo e criador, cuja a essência nada tem a ver com as características do solo”.

Jung (2011a) descreve a obra de arte quase como um ser que se utiliza da condição humana

para trazer ao nosso mundo as configurações de si mesma, de acordo com o que pretende ser ou mostrar. O autor refere dois tipos de produção artística: as produções que nascem da intenção do autor e as produções em que o autor é tomado por inteiro. Quando as produções nascem totalmente da intenção e determinação do autor, visando a um resultado específico, podem ter a interferência externa de professores ou colaboradores para o aprimoramento da forma e do estilo. O material é trabalhado e toda interferência é bem vinda e aceita, incorporando-se à obra final.

Já as produções em que o autor é tomado por inteiro, como instrumento para proporcionar o surgimento da obra, essas se caracterizam por apresentarem a obra de arte e o autor completamente integrados, autor e obra são a própria realização criativa, nos propósitos e nos conhecimentos. Nesse caso, são obras de arte que surgem “prontas, completas, inteiramente armadas como Pallas Atenas que nasceu da cabeça de Zeus”. (JUNG, 2011 a, p.73). Jung (2011a, p.73) ressalta que as obras que tomam o autor como instrumento, o próprio autor vê a sua produção com espanto, a “obra traz em si a sua própria forma; tudo aquilo que ele gostaria de acrescentar será recusado; e tudo aquilo que ele não gostaria de aceitar, será a ele imposto”.

Com essas considerações, podemos compreender o saber poético como uma possibilidade de desenvolvimento da sensibilidade e autocohecimento, tanto do educador, quanto do educando. Perceber de forma sensível como a produção criativa e artística surge em cada um exige do educador um exercício de autoconhecimento, o educador precisa vivenciar a criação consigo mesmo para ter a experiência de acolhimento das diferentes formas de produção.

Também é importante lembrar que mesmo quando o autor é tomado pela obra, mesmo que não queira reconhecer-se nela, para Jung (2011a, p. 73), é importante que ele reconheça tudo como sendo o seu “si mesmo que fala, que é a sua natureza mais íntima que se revela por si mesma anunciando abertamente aquilo que ele nunca teria coragem de falar”.

Quando um professor toma o saber poético como um saber necessário para a sua formação, consideramos importante apresentar tanto as contribuições psicológicas para a compreensão do processo como desenvolvimento humano,

como as contribuições do desenvolvimento da própria arte.

Ao longo da história, a poesia vivenciou diferentes situações de acordo com a característica da época em vigência. O filósofo francês Morin (2002) cita em uma de suas obras que houve duas rupturas marcantes ao longo dos tempos. Segundo ele, a primeira fratura aconteceu a partir da Renascença, quando começou a se desenvolver uma poesia mais profana. Igualmente, a partir do século XVII, houve outra dissociação entre uma cultura dita científica e técnica e uma cultura humanista, literária, incluindo a poesia. Assim, a partir dessas duas dissociações a poesia autonomizou-se e tornou-se estritamente a poesia. Separou-se da ciência, da técnica e, evidentemente, separou-se da prosa.

Da mesma forma, Dravet e Silva (2007, p. 72) elucidam sobre a mediação de saberes relacionada com o pensamento poético, afirmando com bases em suas pesquisas que a poesia, além de ser criadora da realidade, é também razão e pensamento, pois é propiciada a partir de uma força que desperta, anima e movimenta. Complementam ainda que “a poesia é uma doadora de sentido que coincide com a abertura do homem ao mundo e do homem a si mesmo”.

No entanto, tendo em vista que poucas são as referências que contemplam os saberes poéticos, Morin (2012) acrescenta ainda que devemos tentar ressignificar a importância da poesia nos dias atuais, pois, segundo ele, na contemporaneidade, deixamos a poesia em segundo plano, valorizando apenas a prosa.

Dravet e Silva (2007) trazem ainda na sua escrita a origem da palavra poesia que, do grego antigo, origina-se inicialmente da palavra *poiesis*, significando “fazer”, “elaborar”, “construir”. Poesia seria a possibilidade da criação ou a forma de linguagem que possibilita o novo e, a partir desse novo, permite que sejam organizadas as infinitas relações entre os vários níveis da realidade e da existência poeticamente tornada manifesta. Gláucia Souza (2007, p. 41) também analisa os diferentes olhares lançados para a poesia ao longo dos últimos séculos:

Se, no início do século XIX, os que pensaram a poesia viram-na como atividade subjetiva, deixando em segundo plano sua análise, no século XX, a abordagem da literatura passou a partir do pressu-

posto de que essa é essencialmente texto e linguagem. Assim, o conceito de poesia no século XX assumiu um caráter textualista, enquanto seu estudo esteve fundamentado nos estudos linguísticos e nas características que diferenciavam textos poéticos dos em prosa.

Assim vimos que, ao longo dos anos, a poesia aos poucos foi perdendo seu caráter exclusivamente subjetivo, deixando em segundo plano o campo das ideias para tornar-se algo mais concreto, assumindo um caráter mais textualista, conforme o conceito apresentado por Souza (2007).

Nas entrevistas, buscamos perceber se os professores utilizam os diferentes saberes no âmbito da sala de aula. Dessa maneira, podemos refletir sobre a fala dos professores entrevistados quando afirmam:

Uma forma que os professores encontram para trabalhar os saberes seria pesquisar a respeito dos mesmos, pesquisando artistas, poetas, os que fazem a leitura do cordel que criam músicas, assim, estes alunos terão a oportunidade de perceber a riqueza de sua cultura, e com isto ficam mais próximos da escola, assim como da comunidade. (DEPOIMENTO DE PROFESSOR)

Na análise crítica das entrevistas, podemos perceber que há uma significativa preocupação dos professores em tentar uma integração dos diferentes saberes. Conforme fica registrado nos depoimentos, os docentes utilizam a interdisciplinaridade como uma possibilidade de abordar vários saberes num mesmo contexto, possibilitando dessa forma uma formação adequada que contemple diferentes saberes, sejam ambientais, poéticos, lúdicos ou religiosos.

Como nosso enfoque é a utilização dos saberes como possibilidades de desenvolvimento da sensibilidade e do autoconhecimento, percebemos que os nossos estudos e os depoimentos apontam para um desenvolvimento integral, em que a inteireza do ser conecta-se à inteireza do pensamento, da fala e da ação.

Religiosidade, religião e espiritualidade?

O grupo que assumiu a escrita deste artigo pertence ao Grupo de Pesquisa Inteireza do Ser,

no qual o foco dos estudos é a espiritualidade. Cada um de nós tem estudos próprios sobre a dimensão da espiritualidade na formação pessoal e profissional.

Como a questão proposta aos professores da Amazônia salientava os saberes religiosos no cotidiano e na prática dos entrevistados, chamou-nos atenção a diversidade de respostas que brotaram da provocação. Alguns professores ponderaram sobre religiões, outros sobre religiosidade e ainda outros sobre espiritualidade, sendo que algumas falas usavam os três termos para explicar situações diferentes.

Trabalhamos também questões ligadas a religiosidade já que uma marca muito forte na Amazônia é a religiosidade indígena, espiritualidade indígena, e a religiosidade Africana, procuro explicar para os alunos que existem maneiras de se relacionar (DEPOIMENTO DE UM PROFESSOR).

Antes de analisarmos as respostas, nos sentimos instigados a pesquisar se outros grupos de entrevistados ao se depararem com o tema religiosidade também produzem respostas que intercalam compreensões sobre religiosidade, religião e espiritualidade. Para compreendermos essa fala, fomos buscar outros depoimentos e encontramos o livro “Encontros de Vida”, organizado por Zélia Goldfeld (1997). O livro reúne 36 depoimentos, pessoas de diferentes religiões e profissões e todos foram provocados a falar sobre religião, entre eles, Paulo Freire, à época com 75 anos de idade.

Lendo os depoimentos, encontramos a incrível semelhança no uso dos três conceitos, os entrevistados discorrem sobre religião, religiosidade, espiritualidade e no depoimento de Paulo Freire ainda encontramos a possibilidade de fé sem religião. Paulo Freire fala de religião e de religiosidade como um processo. De família católica, conta como foi a sua experiência com a religião católica na infância, na adolescência e na vida adulta.

Essa é uma fé em que vivo em paz – de vez em quando, às vezes, sem paz, pois respeito a opinião dos outros. Eu me sentiria um pouco vazio se por alguma razão qualquer perdesse a fé (Depoimento de Paulo Freire, in GOLDFELD, 1997, p.184).

Os 34 depoimentos trazidos no livro nos ajudaram a perceber o quanto esse é um saber que precisa ser explorado, trazido à tona como um saber docente, pois, tanto nos depoimentos dos professores quanto nos depoimentos do livro, é um saber solitário que evidencia as escolhas e a caminhada de cada um em busca de algo além da matéria, além das possibilidades comuns, ou científicas de compreensão e raciocínio.

Os saberes religiosos são associados à família e às escolas confessionais, a busca é pessoal, mas não necessita ser solitária, pode ser compartilhada e compartilhada com a escola, com os professores e, para que isso aconteça, esse é um saber que necessita ser incluído na formação docente.

As respostas dos professores pesquisados retratam um trabalho que educa respeitando o contexto da realidade em que estão inseridos. Portanto, transparecem as questões ambientais da Amazônia, bem como a espiritualidade dos indígenas.

Eles possuem uma gama de saberes que deixam transparecer, quando querem e colocam tudo isso para fora, o que faz com que trabalhem tudo ao mesmo tempo. Gosto muito de trabalhar a questão da espiritualidade, até mesmo para trabalhar a afetividade do aluno e trabalhar o EU dele, para que se sinta próximo de Deus, e assim consiga mudar a sua vida (DEPOIMENTO DE PROFESSOR).

A ideia de que “a escola prepara para a vida” parece-nos um desafio, no sentido de pensar quais os métodos que adotamos para permitirmos que dentro da escola os alunos vivenciem coisas que lhes façam bem, como conversar livremente, questionar, respeitar, dançar, pesquisar, e tantas outras formas de expressão da inteligência. E assim, não “damos mais aula”, mas, nos tornamos investigadores juntamente com nossos alunos; conseqüentemente, estamos vivendo nossa espiritualidade e ampliando nossa consciência do Ser que em tudo É. Somos todos múltiplos e singulares, expressões da Infinita Criatividade da Inteligência Cósmica, e compartilhamos a Evolução e Celebração da Vida.

Estamos acelerando nossa consciência em direção à aceitação da unidade, e um bom exercício para isso é aprender a ver que cada momento contém amor. Esse

é o melhor aprendizado de nosso plano dimensional – conscientemente ver este amor através da percepção consciente (HAPÉE, 1997, p.101).

Desenvolver e ampliar a consciência são os atuais papéis da Universidade, contribuindo para um dos apelos da educação: a emancipação do sujeito. Essa capacidade é conquistada por aquele que consegue ler e interpretar outros pensadores e posicionar-se com seus pensares, suas práticas e vivências. Assim, a Universidade e as escolas são também um lugar de esperança, paralelo ao lugar de se trabalhar com seriedade e competência. É um grande laboratório de aprendizagem.

Importarmo-nos com o outro é saber que há em nós um germe de felicidade, colocado em tal ponto que não conseguimos tocá-lo... Então, precisamos do outro, que através do seu afeto, da sua serenidade, mas também do seu conhecimento, remexa a terra fértil do nosso ser e vice-versa. Assim, a felicidade nos trará a saúde do corpo, da mente e do espírito.

A interconectividade como forma de construção de saberes

Estes professores ou professoras mostram pelas suas atividades e envolvimento com os alunos, que abriram uma porta onde tradicionalmente só era possível ter uma parede; acionados pela coragem e criatividade, embasados na teoria de um texto, sim, conseguiram chegar ao contexto da sua realidade efetivando um processo de aprendizagem tão conclamado nas teorias até agora vigentes.

Professores ensinam o que aprenderam, mas significativamente ensinam de forma subjetiva

muito daquilo que os constitui como seres humanos, interagindo com aquilo que se apresenta como necessário para o mundo que se configura como seu habitat.

Iniciamos a análise dos depoimentos com a ideia de que estávamos identificando outros, outras realidades, outras pessoas, outros professores, outros alunos, ao concluirmos as leituras e os estudos percebemos os “eus” nos outros. Cada um dos envolvidos na elaboração deste texto conseguiu perceber-se na Amazônia, a distância geográfica, cultural não se refletiu na distância emocional e simbólica.

Em vários momentos dos depoimentos, nos percebemos como possíveis autores deles, ou seja, poderíamos ter dito daquela forma se tivéssemos sido interrogados daquela forma, sentimos a presença dos depoentes em nós e a partir dessa interconectividade levantamos conceitos, aprofundamos entendimentos.

Com os saberes estudados, vimos que o saber espiritualidade/religiosidade é o que mais suscita curiosidade e estudo, pareceu-nos que a escola transita com uma equívoca tranquilidade no lúdico, no ambiental, no poético, porém, na formação de professores, esses saberes são vistos separadamente e, a partir dos relatos, constatamos que são saberes inter-relacionais, um impulsiona o outro, conecta-se imediatamente com outros em uma mesma atividade.

Tratar saberes de forma inter-relacional pareceu-nos o desafio na formação de professores e de formadores de professores, além disso, discutir o que transcende ao humano, o sagrado, a ampliação de consciência, as religiões, a fé pode contribuir muito para uma compreensão integral da vida e do humano.

Referências

AUDRYS Curtis. *O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias*. In: Moyles, Janet R. [et al.] *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais*. p. 39. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORDINI, Maria da Glória. Apud: SOUZA, Gláucia Regina Raposo de. *Uma viagem através da poesia: vivências em sala de aula*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: 2007.

BROUGÈRE, Gilles. *A criança e a cultura lúdica*. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. p.19. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

DRAVET, Florence; SILVA, Gustavo de Castro e. *A mediação dos saberes e pensamento poético*. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. Nº 32. Abril de 2007. Quadrimestral.

- FREIRE, Paulo. *Paulo Freire, 75 anos, educador*. In: GOLDFELD, Zélia(org.). *Encontros de vida – 34 depoimentos de pessoas com mais de 60 anos apaixonadas pela vida*. Record: Rio de Janeiro, 1997. (pág.179 - 188)
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. Editora Peirópolis. 4ª edição, São Paulo, 2000.
- GOLDFELD, Zélia(org.). *Encontros de vida – 34 depoimentos de pessoas com mais de 60 anos apaixonadas pela vida*. Record: Rio de Janeiro, 1997.
- GUSDORF, Georges. *Professores para quê?* Ed. Martins Fontes : São Paulo, 1995.
- HAPÉE, Robert. *Consciência é a Resposta*. Editora Talento. São Paulo, 1997.
- HEASLIP, Peter. Fazendo com o brincar funcione na sala de aula. In: Moyles, Janet R. [et al.] *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais*. p. 121 e 123. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- JUARROZ, Roberto. Apud: DRAVET, Florence; SILVA, Gustavo de Castro e. *A mediação dos saberes e pensamento poético*. Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 32. Abril de 2007. Quadrimestral.
- JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes: 2011a.
- _____. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes: 2011b.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- LIPMANN, Matew. *A Filosofia vai à Escola*. Editora Summus: São Paulo, 1990.
- MOYLES, Janet R. [et al.] *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais*. p. 39. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MORIN, Edgar. *Amor poesia sabedoria*. Tradução: Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MORIN, Edgar. *Práxis Lítéro-Educacional da PUC-Rio*. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410444_08_cap_03.pdf. Acesso em: 28 de maio de 2012.
- NÓVOA. Antonio. *Os Professores e o “novo” espaço público da educação*. In: TARDIF Maurice; LES-SARD, Claude. *O ofício de professor: história, perspectiva e desafios internacionais*. Petrópolis: Vozes: 2008. (p. 217-233)
- PIMENTA, Selma Garrido (org) *Saberes Pedagógicos e atividade docente*. Ed Cortez: 2002.
- REBOUL, Oliver. *Filosofia da Educação*. Atualidades pedagógicas. Volume 124. 5ª edição. Editora Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1984.
- SOUZA, Gláucia Regina Raposo de. *Uma viagem através da poesia: vivências em sala de aula*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: 2007.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2012.

As autoras

Leda Lísia F. Portal

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação PUCRS, coordenadora do grupo de pesquisa Inteira do Ser.

Rita Tatiana Cardoso Erbs

Doutora em Educação pela PUCRS e Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado CNPq/CAPES.

Martha Luci Sozo

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS.

Recebido em: 07.12.2012

Aceito para publicação em: 27.12.2012

